

**HABITUS E IDENTIFICAÇÃO: UMA CONTRIBUIÇÃO DA SOCIOLOGIA E DA
PSICANÁLISE PARA A PSICOLOGIA SOCIAL EM PESQUISA DE CAMPO.**

DENISE MARIA DE OLIVEIRA LIMA

Doutorado em Ciências Sociais/ UFBA, Pós-doutorado em Estudos Culturais/ UFRJ e Pós-doutorado em Psicologia Social/ UERJ.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8008347581835095>
Correio eletrônico: deniselima05@gmail.com.

REGINA GLÓRIA NUNES ANDRADE

Professora Titular/PPGPS-UERJ, Cientista de Nosso Estado/FAPERJ;
Vice Coordenadora de Projeto CAPES-COFECUB (2017-2020).
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7464026573034856>
Correio eletrônico: reginagna@terra.com.br.

RESUMO

Esse artigo trata de apresentar uma pesquisa teórica, seguida de pesquisa de campo, em que se buscou entrelaçar o conceito de *habitus*, de Pierre Bourdieu, com o conceito de identificação, de Freud, ideia que surgiu após pesquisa de campo sobre perfil dos jovens que frequentam o Centro Cultural Cartola – Museu do Samba, Rio de Janeiro, com base em suas identificações, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da UERJ. Para complementar os resultados desta pesquisa, que demonstrou como o conceito de identificação é fundamental para se obter traços das identidades dos jovens, pensou-se que o conceito de *habitus* poderia ser usado com propriedade para se pesquisar valores incorporados socialmente por esses jovens. A partir daí, ao se constatar que Bourdieu nos apresenta seu conceito de *habitus* explicando que são adquiridos por processos de socialização, principalmente por meio da família e da escola, mas não explicitando como tal aquisição é feita, ocorreu-nos tecer uma hipótese: o *habitus* é incorporado através das identificações, seja com os familiares, seja com os professores. A partir da pesquisa teórica foi feita pesquisa de campo no mesmo Centro Cultural Cartola – Museu do Samba, com os jovens que frequentam uma de suas oficinas, observando-se as identificações feitas com o professor-mediador, por meio das quais puderam incorporar certos valores, processo este aqui relatado.

Palavras-chave: *habitus*, identificação, incorporação de valores.

ABSTRACT

This article tries to present a theoretical research that sought to interweave the concept of *habitus*, by Pierre Bourdieu, with Freud's concept of identification, an idea that emerged after field research on the profile of young people who attend the Centro Cultural Cartola – Museu do Samba, Rio de Janeiro, based on their identifications, presented to the PosGraduate Program in Social Psychology of UERJ. To complement the results of this research, which demonstrated how the concept of identification is fundamental to tracing the identities of young people, it was thought that the concept of *habitus* could be properly used to research the values socially incorporated by these young people. From there, when Bourdieu shows us his concept of *habitus* explaining that they are acquired by socialization processes, mainly

through the family and the school, but not explaining how such acquisition is made, it occurred to us to hypothesize: *habitus* is incorporated through with the relatives, or with the teachers. From the theoretical research, field research was carried out at the same Cartola Cultural Center - Samba Museum, with the young people attending one of their workshops, observing the identifications made with the teacher-mediator, through which they were able to incorporate certain values, a process reported here.

Key words: habitus, identification, incorporation of values.

IDENTIFICAÇÃO: IMPORTÂNCIA¹

O conceito de identificação, extenso e por vezes obscuro (enquanto um conceito aberto, *sign post*, como muitos outros conceitos freudianos), além de poder explicar a gênese da sexualidade e da constituição do Eu, pode contribuir tanto para a Psicologia Social como para os Estudos Culturais. Em primeiro lugar, para explicar como se dão os laços sociais.

Em segundo lugar, contribui para melhor se compreender o conceito de identidade. Segundo Stuart Hall, “o conceito de identificação acaba por ser um dos conceitos menos bem desenvolvidos da teoria social e cultural, quase tão arduo – embora preferível – quanto o de identidade” (HALL, 2000, p. 105).

Em terceiro lugar, contribui para o conceito de indivíduo – entrelaçando-se aos ângulos filosófico, antropológico, sociológico, biológico – como resultado da interiorização de vários modelos, portanto, das suas inúmeras identificações.

Cada indivíduo é uma parte componente de muitos grupos com os quais convive, durante todo o seu percurso de vida; também é o produto de sua participação em inúmeros grupos, com os quais se acha ligado por vínculos de identificação em muitos sentidos.

Por último e não menos importante, o conceito de identificação traz uma contribuição decisiva para o respeito às diferenças, já que se pode supor que o caráter do indivíduo é constituído por suas identificações, que são inconscientes, involuntárias e, muitas vezes, nem sequer percebidas.

¹ Para aprofundamento da compreensão do conceito de identificação e de suas implicações ver LIMA, Denise M.O. *Os sentimentos sociais com base em laço de tom positivo*. Uma contribuição da psicanálise freudiana aos estudos culturais. Salvador: EDUFBA, 2017.
Revista Diálogos Possíveis, 2018.

CONCEITOS DE IDENTIFICAÇÃO. DIFERENÇA ENTRE IDENTIFICAÇÃO E ESCOLHA DE OBJETO. ASPECTOS.

A identificação é a mais primordial forma de ligação afetiva, sendo anterior às escolhas amorosas. Embora pareça uma obviedade, esta afirmação é mais profunda do que aparenta. Há, aqui, um enigma: essa ligação afetiva – a identificação - não tem a ver com uma escolha do objeto amoroso, pois preexiste a esta. Melhor dizendo, a identificação é o estágio preliminar da escolha de objeto, é o primeiro modo, ambivalente em sua expressão, de como o Eu *destaca* um objeto. Ambivalente, pois a identificação é expressão de algo em comum, que pode ser amor ou ódio.

A identificação faz com que o Eu se assemelhe ao outro, tome deste alguns traços que o constituem (em sua suposta identidade). Mais: a identificação se empenha em configurar o próprio Eu à semelhança daquele outro tomado por modelo. O Eu, portanto, adota características do objeto.

Como foi dito acima, a identificação e a escolha de objeto são diferentes. Quando a criança se identifica com o pai, ela quer *ser* como o pai: quando o escolhe como objeto, quer *tê-lo*. Portanto, a identificação tem a ver com “ser”, e a escolha de objeto tem a ver com “ter”.

Os aspectos da identificação, como ato psíquico, são, em síntese:

- Inconsciente, ou seja, a identificação é involuntária e não percebida pelo Eu consciente.
- Ambivalente: a identificação pode tornar-se tanto expressão de ternura como de hostilidade; tanto desejo de preservação como desejo de eliminação do objeto.
- Parcial, altamente limitada, tomando do outro apenas um traço, ainda que mínimo (e não menos importante).

Em relação à sua dinâmica, a identificação:

- Produz uma dessexualização do objeto e, como tal, uma sublimação.
- Mantém, no próprio Eu, o objeto perdido ou ausente.
- Reforça a relação com o objeto mantido (e não perdido).

IMPLICAÇÕES: GÊNESE DA SEXUALIDADE, CONSTITUIÇÃO DO EU E BASE DOS LAÇOS SOCIAIS

Quais são as implicações do processo de identificação? *Em primeiro lugar*, a identificação está na base da gênese da sexualidade do sujeito. Por exemplo: Freud, ao estudar o caso de Leonardo da Vinci, diz que o menino não abandonou a mãe, mas se identificou com ela, tomando a si próprio como modelo para as suas escolhas amorosas, pessoas que ele poderá amar e cuidar, assim como foi amado e cuidado por sua mãe. Outro exemplo, apenas para se ter uma ideia, pois tudo isso não é tão simples assim: o menino se identifica com o pai e toma a mulher como objeto amoroso, assim imitando a escolha paterna. *Mutatis mutandis*: a menina pode se identificar com sua mãe, ao ter que abandoná-la como objeto amoroso, e, se percebeu o amor de sua mãe por seu pai, fará escolhas amorosas entre os homens. Se a menina se identifica com o seu pai, nesse sentido fará escolhas amorosas como ele, ou seja, desejará mulheres.

Em segundo lugar, a identificação é responsável pela formação do Eu do indivíduo. Há uma suposição de que o caráter do Eu é um precipitado de investimentos objetais abandonados (Freud usa a palavra *precipitado* no sentido da Química, de formação de um sólido durante a reação química, depositado no fundo da solução, que podemos traduzir como resíduos) e contém a história dessas escolhas de objeto.

O Eu é um precipitado dos investimentos objetais abandonados, de que contém a história dessas escolhas de objeto (FREUD, 2010, p. 36).

Ao ter que abandonar um objeto amoroso, o sujeito se identifica com ele, adotando traços deste. Como são inúmeros os objetos cujo abandono é necessário (pais, avós, professores etc.) o Eu do indivíduo conterà a história dessas escolhas amorosas. O Eu, portanto, é constituído por resíduos de traços das pessoas amadas com as quais se identificou.

Por fim, a identificação está na base dos laços sociais, dos encontros que ligam as pessoas umas às outras.

TIPOS DE IDENTIFICAÇÃO

Avançando na compreensão do tema, vamos aos tipos de identificação propostos por Freud. São eles:

- identificação primária, com o pai, também denominada identificação com a cultura;
- identificação narcísica, regressiva ou melancólica;
- identificação histórica.

A identificação primária - a primeira e mais significativa identificação do indivíduo - ocorre com o pai da pré-história pessoal, o fundador da cultura. É o pai da horda primitiva, situação miticamente relacionada à incorporação oral, canibalesca, do objeto, tratada em *Totem e Tabu*. As refeições totêmicas são modelos para identificações baseadas, até hoje, nos encontros centrados nas mesas, nas bebidas e nas comidas.

A identificação pela perda do objeto, também denominada regressiva ou narcísica, ocorre quando há perda ou abandono de um objeto amoroso, e, para compensar essa perda, o sujeito se identifica com a pessoa perdida, instaurando-a novamente dentro de seu Eu, de modo que a escolha de objeto regride à identificação. Talvez essa identificação seja a condição sob a qual o Eu abandona seus objetos amorosos, já que os traz para dentro de si.

A identificação histórica - *a qual nos interessa para a pesquisa* - pode ocorrer quando não há investimento amoroso anterior. Com qualquer pessoa desconhecida, quando há percepção de algo em comum, dar-se-á a identificação, que desperta a simpatia, instaurando-se um laço social. A identificação, portanto, vem antes da empatia. A identificação histórica pode se dar, também, posteriormente ao investimento amoroso, quando o indivíduo se identifica com algum traço - pode ser um sintoma - deste outro, como representação do desejo de estar em seu lugar.

CONTRIBUIÇÃO PARA O CONCEITO DE INDIVÍDUO

A identificação é um conceito que contribui para o entendimento da identidade, seja individual, seja grupal, pois esclarece como os indivíduos se agrupam para participar das mais diversas manifestações culturais, criando laços sustentados por suas afinidades.

O indivíduo seria o resultado da interiorização de vários modelos. Por conseguinte, há de ter inúmeras identificações. Cada indivíduo é uma parte componente de numerosos grupos, tem múltiplos laços por identificação, durante todo o seu percurso de vida; assim, participa da alma de muitos grupos, de sua etnia, classe, comunidade de fé, nacionalidade etc. - e pode também atingir um tanto de independência e originalidade. Como a identificação se trata de

um afeto, ainda que ambivalente, poder-se-á dizer que no desenvolvimento da coletividade humana, o amor atua como forte fator civilizador, de um lado. De outro, o ódio – o outro lado da moeda – poder-se á dizer que atua como fator descivilizador, como preconizava Norbert Elias.

A NOÇÃO DE *HABITUS*

Pierre Bourdieu introduz este conceito ao tentar compreender, através de suas análises da consciência temporal, as condições de aquisição do “*habitus*” econômico capitalista em pessoas formadas em um cosmos pré-capitalista. Ele admite que a noção de *habitus* foi objeto de inumeráveis usos anteriores, por autores como Hegel, Husserl, Weber, Durkheim, Mauss, que se inspiraram, senão em uma mesma intenção teórica, mas em uma mesma intenção de busca: as disposições adquiridas, socialmente constitutivas, geradoras das práticas dos agentes. Práticas, no sentido do arsenal de ações que o indivíduo tem para enfrentar a vida; agentes, no sentido em que o espaço social é constituído por instituições e agentes (indivíduos), também denominados atores.

A noção de *habitus*, enquanto social incorporado e, portanto, individualizado, tende a sobrepor a oposição entre indivíduo e sociedade – oposição canônica absurda cientificamente, segundo Bourdieu, pois que uma oposição que somente tem realidade política, entre partidários do indivíduo e partidários da sociedade. Assim, Bourdieu faz uso deste conceito para escapar a esta alternativa entre o estruturalismo sem sujeito e a filosofia do sujeito.

Ao rejeitar o pressuposto fundamental do estruturalismo em que os atores sociais são considerados como simples marionetes, regulados por leis mecânicas que lhes escapam, funcionando dentro de um modelo, de regras a partir de uma estrutura - Bourdieu traz tal conceito para explicar este paradoxo: nem autômatos regulados, nem tampouco calculadores racionais, ou seja, o *habitus* permite o “sens de jeu” (sentido do jogo), que engendra uma infinidade de ações e reações adaptadas à infinidade de situações possíveis que nenhuma regra, por mais complexa que seja, pode prever.

Bourdieu afirma que o *habitus* é estruturado através de processos de socialização, provenientes principalmente da família e da escola, marcadas pela posição que ocupam no espaço social – posição esta que é determinada, principalmente, pelo acúmulo de três tipos de capital: econômico, cultural e simbólico.

O que é o *habitus*? O próprio Bourdieu responde: “sistema de esquemas adquiridos que funcionam em estado prático como categorias de percepção e de apreciação ou como

princípios de classificação ao mesmo tempo princípios organizadores da ação”... (BOURDIEU, 1988, p. 26) que constituem o agente social como operador prático de construção de objetos. Um sistema adquirido de preferências, de estruturas cognitivas duradouras – e de esquemas de ação que orientam a percepção da situação e a resposta adequada – que se constituem em diferenças nas práticas e nas opiniões expressas, e que se tornam diferenças simbólicas, portanto, uma linguagem.

O *habitus* é o princípio gerador de práticas distintas e distintivas; é diferenciado mas também diferenciador. É distinto, mas opera distinções. Contêm esquemas classificatórios, princípios de classificação, princípios de visão e de divisão de gostos diferentes.

O *habitus*, portanto, é um conceito que reúne tanto determinações inconscientes - pois socialmente constituído, ou seja, a incorporação de sistemas de percepção, de apreciação e de classificação pelos agentes das ações - quanto determinações conscientes, espécie de “sentido prático” que é um sistema de apreciação não pautado pelo cálculo racional, mas que incluem as capacidades ativas, criadoras e inventivas do agente.

O *habitus* é a presença da estrutura na dimensão das relações sociais, ao mesmo tempo que a presença da dimensão simbólica do sujeito na estrutura social.

No lugar de regras, de modelo, de estrutura, fala-se de estratégias, o que implica em situar-se do ponto de vista dos agentes. A idéia de estratégia, como orientação da prática, não é nem consciente e calculada, nem mecanicamente determinada.

Embora tenha todas as aparências da ação racional, na verdade “as condições do cálculo racional não estão dadas praticamente nunca na prática: o tempo é contado, a informação é ilimitada, etc... os agentes fazem, muito mais do que procedessem ao azar, **o único que se pode fazer**” (BOURDIEU, 1988, p. 23).

A relação entre o agente e o mundo fica explicada pela influência recíproca de um e de outro: nem tanto o agente, nem tanto o mundo: “o *habitus* mantém com o mundo social, de que é produto, uma verdadeira cumplicidade ontológica, princípio de um conhecimento sem consciência, **de uma intencionalidade sem intenção**” (BOURDIEU, 1988, p. 24).

A teoria do agente (dimensão social) por oposição a do sujeito (dimensão psíquica) retira deste a determinação soberana de suas ações, sem negar que o agente tem um domínio prático das regularidades do mundo que lhe permite adiantar o futuro, sem ter necessidade de apresentá-lo como tal. O *habitus* é um conceito que possibilita afastar-se da filosofia da consciência sem anular o agente na sua verdade de operador prático de construções de objeto.

É importante pensar numa das consequências que a ideia da determinação social das práticas pode levar, isto é, admitindo-se os determinantes sociais é que se pode dar as possibilidades de certa liberdade com relação a esses determinantes: “paradoxalmente, a sociologia liberta ao libertar-se da ilusão da liberdade, ou mais exatamente, da crença mal colocada nas liberdades ilusórias. A liberdade não é algo dado, mas uma conquista”. (BOURDIEU, 1988, p. 27).

ARTICULANDO OS CONCEITOS

Se o indivíduo torna-se “humano”, através dos processos de socialização, decorrentes principalmente da família e da escola, incorporando modos de perceber, de pensar, de classificar, de distinguir, de ter gostos etc., como nos ensina Bourdieu, esses indivíduos – plurais - tornam-se sujeitos - singulares - por meio de suas identificações².

Podemos pressupor, portanto, que o processo de individualização e de singularização se dá tanto através do *habitus* (condicionamentos sociais) como das identificações (determinações inconscientes). Eis o ponto de convergência: incorporação social (*habitus*) e introjeção de traços do outro (identificação).

Ousamos contribuir com Bourdieu: se ele não explicitou como o *habitus* é incorporado, ainda que indicando que é proveniente da família e da escola, podemos pensar que “traços” do *habitus* adquirido vêm através das identificações, mantendo a família e a escola como protagonistas das identificações.

BREVE RELATO DA PESQUISA REALIZADA COM JOVENS QUE FREQUENTAM O MUSEU DO SAMBA³

Tomando-se por fundamento teórico o conceito de *habitus*, de Pierre Bourdieu, articulado ao conceito de identificação, de Freud, optou-se por estruturar a pesquisa de campo do seguinte modo:

² Tese publicada de Denise M. Oliveira Lima sob o título *Diálogo entre a sociologia e a psicanálise*. O indivíduo e o sujeito. Salvador: EDUFBA, 2017.

³ Esta pesquisa, vinculada ao Projeto “Processos de Identificação de jovens da Comunidade da Mangueira” - coordenado pela Profa. Regina Andrade, co-autora deste artigo - contou com apoio da agência de fomento Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – FAPERJ.

1. Investigar os valores que o Museu pretende transmitir aos seus alunos, ou seja, o que considera importante ensinar aos adolescentes, com a finalidade de se entender como e com o quê a Escola – uma das fontes de incorporação social do *habitus*, juntamente com a família - colabora para esta incorporação. Esta fase da pesquisa foi feita a partir de documentos escritos que o Museu tem para o seu programa educativo, uma espécie de apostila de orientações gerais para seus mediadores.
2. Analisar questionário respondido pelos alunos antes da vivência no Museu para se avaliar como percebem o tema “samba” (como poderia ser outro qualquer). Foram examinados 54 questionários de alunos da 7ª série, com idade entre 14 a 15 anos, provenientes da Escola Municipal Uruguai, vizinha do Museu, que mantém convênio com este.
3. Analisar questionário respondido pelos alunos depois da vivência no Museu para se avaliar como passam a perceber o mesmo tema e as transformações ocorridas.

Antes de expor os resultados dessa pesquisa, convém relembrar as formulações sobre os conceitos de *habitus* e de identificação, tratadas anteriormente neste artigo, ressaltando-se que a complexidade de ambos os conceitos não poderá ser aqui reproduzida, por razões óbvias.

Para se avaliar as transformações obtidas pelos alunos após a vivência no Museu se recorreu, como já foi dito, aos questionários respondidos pelos alunos antes e depois de suas experiências nas oficinas, nas exposições etc. A tais questionários foram agregados desenhos feitos pelos alunos que, de certa forma, corroboram com aquilo que respondem nos questionários. À exemplo da alegria, que muitos alunos – a maioria consultada – dizem sentir ao aprender o que representa o samba para a vida da comunidade: os desenhos apresentados contém personagens risonhos. Alegria também sentida por aprenderem “coisas que nunca tinham pensado”.

Chegando no Museu e saindo do Museu. O que aconteceu com os alunos nesse interregno? O que lá aprenderam? Como inferir o *habitus* transmitido pela escola e incorporado pelos jovens?

CHEGANDO NO MUSEU.

Antes de participarem de uma vivência, 54 alunos responderam a uma pergunta sobre a importância do samba para a suas vidas.

Resultados:

- 20 alunos responderam à pergunta associando o samba aos desfiles de Carnaval e às escolas de samba.
- 15 alunos declararam não gostar do samba, embora reconheçam que muita gente da comunidade gosta.
- 10 alunos expressaram ser o samba uma alegria, para as crianças, adultos e idosos, bem como para a comunidade.
- 5 alunos disseram que o samba é uma cultura.

Outras respostas, que, apesar de não aparecerem em grande número, representam um índice da população pesquisada, respeitando-se a importância do particular, do singular, em um conjunto determinado.

- diversão e festa.
- diversão e união das pessoas.
- “possibilidade de expressar alegria mesmo quando se está triste e desanimado”.
- “O samba é contagiante, traz vida para a comunidade”.
- “É sorriso no rosto”.
- “O samba é nossa alegria em arte”.

SAINDO DO MUSEU.

Após participarem de atividades no Museu, os alunos responderam novamente à mesma pergunta, cujos exemplos serão expostos a seguir, já de forma mais singularizada, todos aspeados:

- O samba surgiu da mistura de estilos musicais de origem africana e brasileira. Geralmente as letras contam a vida e o cotidiano de quem mora nas cidades, com destaque para as populações pobres.
- Não é só um ritmo, mas uma cultura brasileira antiga.
- Uma cultura muito importante na vida dos brasileiros, não é somente um estilo musical.
- Não é só uma música ou dança, mas uma canção que mexe com o coração de muitas pessoas.
- Uma emoção, um orgulho para a comunidade.
- O samba deixa as pessoas muito felizes.
- É como uma poesia que ensina o significado da vida.

- Aprendi agora a conhecer antes de julgar. (Merece destaque!)
- É uma luta contra o preconceito.
- Compreendi mais sobre a nossa cultura.
- Vi a importância da mulher na cultura do samba.
- Eu não gosto do samba, mas isso não muda o fato de “todo mundo” gostar.
- O samba é para sair do medo, do trabalho, da tristeza. As pessoas dançam com o coração, cada um do seu jeito.

Ao se privilegiar respostas singulares se pode ter uma ideia do que foi obtido após a vivência no Museu, sem deixar o particular desaparecer em falsas generalizações. Muitos alunos agradeceram o trabalho realizado pelo mediador, declarando que gostaram muito, amaram, aprenderam coisas que nunca tinham pensado.

O QUE NÓS, PESQUISADORES, PODEMOS APRENDER COM ISSO TUDO?

Se antes da vivência no Museu muitos alunos referem o samba às Escolas de samba, ao Carnaval, à TV, ainda que falem também da alegria, da felicidade, da diversão e da união das pessoas, depois da vivência proporcionada pelo Museu algumas transformações foram obtidas.

A primeira delas é uma nova percepção sobre a importância do samba. Note-se que a ampliação da percepção, alargamento dos horizontes, que foram possíveis a respeito do samba e de tudo o que este significa e representa, pode ser estendida a novas percepções a respeito de quaisquer outros temas além do samba. Isso parece uma obviedade, mas é importante ressaltar, em especial para os mediadores e professores que se dedicam à educação dos jovens adolescentes.

Se os alunos expressam sua alegria por terem tido mais conhecimento sobre a nossa cultura, **isso não é pouco**. Além da autoestima, que pode ser aumentada, a alegria pelo conhecimento ampliado pode servir para fortalecimento da esperança e da luta pela vida.

Essa pesquisa pode trazer uma confirmação de que os alunos recebem da instituição os valores que esta pretende transmitir (*habitus*), através de seus mediadores com os quais os alunos se identificam (a identificação é um afeto positivo). Desta forma considera-se exitosa tal pesquisa, por demonstrar que o afeto, a identificação, tornam possíveis a aquisição e a incorporação do *habitus*.

*Porque o samba é a tristeza que balança,
E a tristeza tem sempre uma esperança
De um dia não ser mais triste não.*
(Vinicius de Moraes e Baden Powell).

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Regina; VAZ, Cibele (org.). *Território verde e rosa: construções psicossociais no Centro Cultural Cartola*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud/Faperj, 2010.

_____. *Territórios sem fronteiras: o social no contemporâneo*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud/Faperj, 2014.

FREITAS, L.A.P. *As identificações na obra de Freud*. Biblioteca de Psicanálise. Sociedade de psicanálise Iracy Doyle.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. *Razões Práticas: sobre a Teoria da Ação*. Campinas: Papyrus, 1996.

_____. *Cosas Dichas*. Buenos Aires: Gedisa, 1988.

_____. *La distinction: critique sociale du jugement*, Paris: Les Éditions de Minuit, 1979.

_____. *A Economia das Trocas Simbólicas*. SP: Perspectiva, 1974.

FREUD, S. *Novas conferências introdutórias* (1933). Conf.31 A dissecção da personalidade psíquica. In: *Obras completas*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. V. 18.

_____. O mal-estar na civilização (1930). In: *Obras completas*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. V. 18.

_____. O eu e o id (1923). In: *Obras completas*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. V. 16.

_____. A dissolução do complexo de Édipo (1924). In: *Obras completas*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. V. 16.

_____. Psicologia das massas e análise do eu (1921). In: *Obras completas*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. V. 15.

_____. O inconsciente (1915). In: *Obras completas*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. V. 12.

_____. Luto e melancolia (1917[1915]). In: *Obras completas*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. V. 12.

_____. Totem e Tabu (1912-1913). In: *Obras completas*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. V. 11.

_____. Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci (1910). In: *Obras completas*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. V. 9.

GAY, P. *The Freud Reader*. New York * London: Norton & Company, 1995.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. Tadeu. *Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

LIMA, Denise M.O. *Diálogo entre a sociologia e a psicanálise. O indivíduo e o sujeito*. Salvador: EDUFBA, 2012.

_____. *Os sentimentos sociais com base em laço de tom positivo. Uma contribuição da psicanálise freudiana aos estudos culturais*. Salvador: EDUFA, 2017.

MEZAN, R. *O tronco e os ramos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

MORIN, E. A necessidade de um pensamento complexo. In: MENDES, CANDIDO (org); LARRETA, Enrique (ed.). *Representação e Complexidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

ORTIZ, Renato. Introdução: a procura de uma teoria da prática, in: BOURDIEU, P. *Sociologia*, SP: Ática, 1983.